AS POLÍTICAS PÚBLICAS PARA A EDUCAÇÃO AMBIENTAL SOB A LUZ DA REFLEXÃO ÉTICA LEVINASIANA

Maria Luiza Heine¹;

Faculdade de Ilhéus – Ilhéus (BA) – mlheine06@yahoo.com.br

Resumo:

O século XXI chegou com a certeza de que é preciso enfrentar os graves problemas ambientais que afligem o planeta Terra, como também, da possibilidade da implantação da disciplina Educação Ambiental, como forma de mudança dos paradigmas vigentes. Por outro lado, vivemos uma grave crise ética e moral, cabendo ao professor a responsabilidade ética no exercício da tarefa docente. A evolução tecnológica alcançada está levando o ser humano a esquecer os verdadeiros valores de uma boa convivência, ameaçando-o com a possibilidade da autodestruição. Sobre a ética veremos o que disseram filósofos de várias épocas da história da humanidade. Como entendemos que a reflexão ética deve sair da teoria para a prática, abordamos um estudo de caso realizado no bairro Nossa Senhora da Vitória, em Ilhéus (BA). Esperamos poder contribuir para reforçar a reflexão ética necessária para as sociedades atuais.

Palavras-chave: Educação Ambiental; Ética; Ética levinasiana

Abstract:

The 21ST century arrived with the confidence that it's need to face the serious environmental problems afflicting the planet Earth, but also, the possibility of deploying the discipline environmental education as a way of changing the existing paradigms. Conversely, we experienced a serious ethical and moral crisis, and the teacher the ethical responsibility in the exercise of the teaching task. Technological developments achieved is leading humans to forget the true values of a good coexistence, threatened him with the possibility of self-destruction. About the ethics we will see what philosophers of various eras of human history. As we believe that ethical reflection must emerge from theory to practice, we discussed a case study conducted in the neighborhood Nossa Senhora da Vitória, at Ilhéus city, BAHIA. We hope to contribute to strengthen the ethical reflection needed for today's societies.

Key-words: Environmental education; Ethics; Ethics by Lévinas

Introdução

O século XXI teve início em meio à necessidade dos seres humanos enfrentarem o grave problema relacionado às questões ambientais. Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), sobre o Meio Ambiente, está escrito que: “de onde se retirava uma árvore, agora retiram-se centenas. Onde moravam algumas famílias, consumindo alguma água e produzindo poucos detritos, agora moram milhões de famílias, exigindo imensos mananciais e gerando milhares de toneladas de lixo por dia” (p. 174). Pela Constituição Brasileira de 1988, usufruir de um meio ambiente ecologicamente equilibrado é um direito de todos e, dever do poder público e da coletividade, defendê-lo.

A implantação de uma Política Nacional para a Educação Ambiental implica em mudança de comportamento. Para que esta mudança radical de comportamento seja possível, é necessário que haja mudança de mentalidade. As pessoas estão acostumadas com as facilidades alcançadas, pela tecnologia, para utilização dos recursos naturais, por isso não é fácil mudar. Com as políticas desenvolvidas para a Educação Ambiental colocou-se grande esperança na prática educacional, como saída única para a resolução do problema.

É preciso compreender que somente a percepção e a sensibilização para a “problemática ambiental e o incremento de competência técnica, voltada para a resolução, não expressam aumento qualitativo da consciência e do exercício da cidadania ecológica” (LOUREIRO, 2008, p. 91). As pessoas, de modo geral, já sabem que o problema existe, mas isso só, não é suficiente, é necessário mudar os paradigmas.

Assim sendo, desenvolvemos este trabalho, buscando interligar o comportamento ético com os problemas ambientais encontrados no Bairro Nossa da Vitória, na cidade de Ilhéus, (BA).

O que foi dito pelos autores consultados

A implantação do ensino da Educação Ambiental é uma necessidade deste início de século. De acordo com Loureiro:

A Educação Ambiental é uma práxis educativa e social que tem por finalidade a construção de valores, conceitos, habilidades e atitudes que possibilitem o entendimento da realidade de vida e a atuação lúcida e responsável de atores sociais individuais e coletivos no ambiente (LOUREIRO, 2008, p. 69).

O autor afirma, citando Demo (1988) que, a educação, em termos genéricos e conceituais, é, essencialmente, política, porque político é o espaço de atuação humana em que

nos formamos e moldamos as características objetivas que nos cercam. Loureiro afirma também que:

A atuação educativa instrumental e acrítica, a partir da concepção do ambiente como algo reificado, facilita a perspectiva de que o que podemos fazer na práxis educativa é sensibilizar, minimizar, ou mitigar os problemas existentes no contexto atual, por uma correta gestão dos recursos naturais (LOUREIRO, 2008, p. 70).

Segundo Freire (1996, p. 33) “Mulheres e homens, seres histórico-sociais, nos tornamos capazes de comparar, de valorar, de intervir, de escolher, de decidir, de romper, por tudo isso nos fizemos seres éticos”. E mais, as questões ambientais envolvem as questões éticas.

O ser humano, em sua significativa evolução tecnológica, esquece que o ter não substitui o ser; esquece que a construção moral, que conseguiu, ao longo do desenvolvimento da civilização, tem como principal finalidade regular a convivência entre as pessoas. Sem ética, sem respeito a princípios universais de dignidade para cada ser humano, é possível que a educação não consiga atingir seus objetivos.

Quando sistemas econômicos e políticos, como o capitalismo e o neoliberalismo, são colocados acima da pessoa, quando as empresas buscam apenas o lucro, em detrimento do bem estar social, existe a probabilidade de a humanidade estar doente, pois os sintomas são visíveis: no desrespeito entre as pessoas e das instituições para com as pessoas. O estudo da história da humanidade demonstra uma constante busca do homem pela implantação de conceitos éticos, a partir de regras morais. Mas, na prática, não parece que tenhamos caminhado o que gostaríamos.

No século V antes de Cristo, o filósofo Kung-fu-tse, Confúcio (551 – 479 a.C.), estabeleceu o amor e a ética como bases para uma boa convivência, fundamentados no respeito ao próximo. Eis uma palavra que diz muito da ética: respeito. Respeitar o outro é buscar a ética. Também nas palavras de Cristo, podemos encontrar uma busca pela ética, através do apelo ao amor incondicional entre todos os homens.

É importante que se compreenda que, como os costumes mudam e evoluem, a ética também sofre modificações. O que é considerado ético em um determinado tempo, em outro já deixa de sê-lo. O que é permitido em uma sociedade, pode não ser considerado ético, em outra.

Entretanto, se chegamos ao século XXI, festejando os 50 anos da Declaração Universal dos Direitos Humanos, pouco podemos comemorar, quando procuramos descobrir,

se os direitos de todos os habitantes do planeta estão sendo respeitados. O planeta Terra que se nos apresenta, é uma “aldeia” onde há de tudo um pouco. Do ser humano globalizado, cercado de artefatos que o comunicam, em tempo real, com qualquer parte do planeta, àquele que morre de fome, de doenças endêmicas, jogados ao fundo do poço de toda miséria, que só o homem, egoísta e amoral, é capaz de permitir.

A Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999 dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. Com este artigo, pretendemos, de forma sucinta, questionar como é possível “convencer” as pessoas que vivem na miséria e na pobreza, onde lhes falta tudo, a cuidar da higiene, do meio ambiente, se os mesmos são desprovidos de quase tudo? Como exigir uma postura ética de quem não recebe o respeito da sociedade?

Ao longo da história, muito tem sido escrito sobre moral e ética, que parecem ter o mesmo sentido. Ambas têm o mesmo significado em suas origens. Ética vem do grego *ethos* e significa costume. Mas, significa também, a nossa casa, o local que o homem escolheu para erguer a sua morada. Moral vem do latim *moris* e, também, significa costume. Mas, no decorrer da história, estas duas palavras que têm a mesma origem, nunca se separaram e dão significado à conduta humana, cada uma a seu modo. Nosso trabalho fala de ética, daquela que é uma reflexão crítica sobre a moral.

Segundo Morin, “A ética manifesta-se para nós, de maneira imperativa, como exigência moral”. Este imperativo provém de uma fonte externa, representada pela cultura, pelas crenças e pelas normas da comunidade, mas, sobretudo, numa fonte que vem do seu interior, “que o sente no espírito como a injunção de um dever (2007, p. 19). Embora alguns autores digam da moral e da ética como palavras sinônimas, na prática, na atualidade, muitos estabelecem diferenças.

Segundo Vásquez “o problema do que fazer em cada situação concreta é um problema prático-moral e não teórico-ético” (2008, p. 17). É dentro desta perspectiva que iremos trabalhar.

Esperamos, com este trabalho, contribuir para uma reflexão sobre as questões ambientais e éticas, sobre os excluídos do Bairro Nossa Senhora da Vitória de Ilhéus (BA), à luz da ética da alteridade, de Immanuel Lévinas.

Este trabalho tomou como base, questões ligadas às políticas para educação ambiental, baseada no Art. 225 da Constituição Federal que diz o seguinte:

Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao poder público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações.

Na Eco 92 ou Conferência do Rio, representantes de mais de 170 países assinaram tratados reconhecendo o papel central da educação para a “construção de um mundo socialmente justo e ecologicamente equilibrado”. Este compromisso impõe responsabilidade individual e coletiva em níveis local, nacional e mundial. Desta forma, é isso que se espera da Educação Ambiental no Brasil, assumida legalmente pela Constituição Federal, promulgada em 1988.

Educação implica em formação, possibilitar ao aluno encontrar sua forma. Segundo Freire (1996, p. 14), “*formar* é muito mais do que puramente *treinar* o educando no desempenho de destrezas...” e diz mais: “Gostaria, por outro lado, de sublinhar a nós mesmos, professores e professoras, a nossa responsabilidade ética no exercício de nossa tarefa docente” (1996, p. 15).

As pessoas aprendem naturalmente o que é ética com a família, ao longo do seu desenvolvimento. Quando os pais dizem aos filhos o que é certo e o que não deve ser feito, seu fim último é ensiná-lo a se comportar de acordo com as regras morais do seu grupo social. De acordo com estas regras é possível se iniciar a trajetória de um cidadão ético. A educação é algo que acontece ao longo da vida, no dia-a-dia de cada pessoa.

Tornar-se um cidadão ético é, portanto, uma questão de escolha e de aprendizado. Primeiramente dos pais, depois na escola e, por fim, do próprio indivíduo. Ao longo desses mais de vinte séculos de civilização, foram muitos os escritores e pensadores que trataram do assunto, que permanece atual e relevante.

Na *Ética a Nicômaco*, o filósofo grego Aristóteles, apresenta duas formas de virtude, (apud Foelker, 2008). A primeira delas é a virtude intelectual, representada pela sabedoria e pela prudência, adquiridas pela instrução; a outra é a virtude moral, que “é uma disposição do espírito ou hábito de escolher em todas as situações a justa medida que convém à nossa natureza” (p. 23). Para Aristóteles, o fim último da virtude é a felicidade.

De acordo com Sá (2007, p. 19), “menos rigores empregam os filósofos estóicos na dissertação dessa matéria, pois apresentam a *Ética* como uma conduta volvida à realidade de cada época”. Assim, a ética muda conforme as circunstâncias. O autor apresenta a *Ética* como consciência e virtude. Aqui fica uma pergunta sobre as crianças do ensino fundamental, em

escolas públicas de periferia: é possível ser virtuoso quando lhes faltam condições para atender suas necessidades básicas?

Padovani e Castagnola (1974) apresentam também, em boa parte da obra, a filosofia moral, como uma ligação da Filosofia com a religião, e os preceitos morais, como advindos das diversas religiões, principalmente, do cristianismo, no ocidente.

Hannah Arendt, filósofa e pensadora política que, tendo sido aluna de Heidegger, Husserl e Jaspers, pode ser considerada uma grande pensadora do século XX. Em “A Condição Humana” aborda, nos capítulos centrais, o trabalho e a ação do ser humano, temas que estão diretamente ligados à ética. A autora afirma que “sob este aspecto, é realmente verdadeiro que o fim justifica os meios; mais que isto, o fim produz e organiza os meios” (2008, p. 166). E fala de algo cruel demonstrando que tipo de ética é adotada pelo homem, quando afirma: “o fim justifica a violência cometida contra a natureza para que se obtenha o material, tal como a madeira justifica matar a árvore e a mesa justifica destruir a madeira. Em nome do progresso, tudo é válido”.

De acordo com o filósofo francês Edgar Morin (2007):

Todo olhar sobre a ética deve perceber que o ato moral é um ato individual de religação; religação com o outro, religação com uma comunidade, religação com uma sociedade e, no limite, religação com a espécie humana (p. 21).

Para explicar sua teoria, Morin (2007) propõe um retorno às fontes cósmicas, afirmando que “um mundo só pode advir pela separação e só pode existir na relação entre o que é separado”. Afirma, ainda, que “o mundo surgiu de uma ruptura, de uma deflagração” do vazio ou infinito (p. 31). Portanto, pode-se afirmar que o homem, em sua discussão ética e moral, está ligado ao cosmos, ao universo. É a busca do equilíbrio entre forças antagônicas.

Saldanha (2007) acredita ser impossível falar de ética, como algo generalizado, sem buscar parâmetros na história. De acordo com o autor (p. 8), “o que ocorre é que, no plano da realidade, os sistemas éticos são histórica e socialmente situados”. Assim, é correto afirmar que, em termos teóricos, pode-se mencionar a moral (ou ética) como algo genérico, mas a *experiência* ética se dá dentro de contextos concretos. Afirma o autor:

Como a Filosofia em seus esquemas gerais, a ética foi por muito tempo uma temática não-histórica. Ou antes: dentro da cultura “antiga” somente nos tempos finais alguns pensadores atinaram com o caráter histórico dos problemas éticos, e na cultura “ocidental” somente nos dois últimos séculos esse caráter foi realmente percebido (SALDANHA, 2007, p. 5).

Lévinas, pensador judeu, criador da ética da alteridade, afirma que os atos éticos não podem caracterizar-se pela coação exterior das regras morais, mas nascem dentro de nós, a partir do apelo do outro. Diz o autor que, “o homem livre é votado ao próximo, ninguém se pode salvar sem os outros” (1993, p. 104). Afirma também que: “O Outro está presente numa conjuntura cultural e dela recebe sua luz, como um texto do seu contexto” (1993, p. 50). E mais:

É precisamente isto que nós descrevemos pela fórmula: o rosto fala. A manifestação do rosto é o primeiro discurso. Falar é, antes de tudo, este modo de chegar por detrás de sua aparência, por detrás de sua forma, uma abertura na abertura (1993, p. 51).

A ética tem possibilitado uma reflexão constante, por parte dos seres humanos, em todo tempo e lugar, como fator capaz de estabelecer uma convivência harmônica entre os homens, dentro de suas circunstâncias.

Que são Moral e Ética?

A moral é definida por alguns autores como um conjunto de regras e normas, que devem orientar o comportamento dos indivíduos, no grupo social. A Moral e a Ética têm em comum a finalidade de garantir a sobrevivência do grupo, pois seria impossível manter um grupo sem regras a serem cumpridas. No entanto, na atualidade, os autores que escrevem sobre o assunto, estabelecem algumas diferenças entre moral e ética. Procuramos trabalhar com o conceito de que a moral é o conjunto de regras de comportamento, determinado por um grupo social, em certo tempo e lugar. E que a ética (ou filosofia moral) é a parte da filosofia que se ocupa com a reflexão a respeito dos princípios que fundamentam a vida moral. Em todas as épocas da história têm-se notícias de que os homens se preocupavam em criar regras que regulassem a convivência entre eles.

O filósofo grego Sócrates, considerado o pai da filosofia ocidental, não deixou nada escrito, mas deixou a lição de ter sido um cidadão ético. A principal característica da moral em Aristóteles é o racionalismo, posto que, a virtude é uma ação consciente. Sendo o homem um ser racional, “sua ação é moral, quando é conforme a razão” (PADOVANI e CASTAGNOLA, 1974, p. 132). Ainda para Aristóteles, o homem que consegue equilibrar sua própria natureza com as circunstâncias que o rodeia, utilizando-as como apoio e não como obstáculo à sua ação, alcança o bem que deseja, o bem maior – a felicidade. De acordo com Foelker (2008, p. 23), “a palavra ‘virtude’, em um sentido ético, pode ser entendida como

uma qualidade moral ou intelectual positiva do ser humano, que o leva a agir visando o bem”. É possível perceber, desde a infância, a capacidade que o ser humano tem, de aprender os valores morais do seu grupo social.

Segundo Saldanha, (2007, p. 17), “em Platão, utopista arqui-exemplar, tem-se um plano de reforma da cidade e das almas”. O filósofo grego, ao trabalhar o mundo das idéias, e com sua concepção de governo baseado na sofocracia, sonhou, no fundo, com um mundo perfeito, permeado pelo respeito às pessoas, um mundo ético.

Na Idade Média, longo período que começa com a queda do Império Romano e vai até a tomada de Constantinopla pelos turcos, a moral é a imposta pela Igreja Católica. Ao longo desse período, os princípios morais eram ditados pela Igreja Católica, prevalecendo uma ética a ela atrelada. A visão que se tinha do mundo era teocêntrica e as concepções éticas estavam impregnadas de valores religiosos, em que os valores eram outorgados por Deus ao homem.

A partir da Idade Moderna, a moral se separa dos princípios religiosos, tornando-se laica e secularizada. Assim, ser moral e ser religioso passa a ter perspectivas diversas, e o ateu pode ser moral, enquanto o religioso pode se tornar suspeito em seu comportamento. Os fundamentos dos valores saem da esfera divina, para ser encontrada no ser humano.

Nietzsche introduz em sua obra a noção de valor. Nesse sentido, Nietzsche vai dizer que os valores morais não são eternos, mas, sim, humanos, demasiadamente humanos – o que significa que tais valores surgiram em algum momento e em algum lugar. Portanto, foram criados, e, assim, podem ser transformados, podem desaparecer e podem dar lugar a novos valores. Assim como bem e mal. Até então, se julgava que bem e mal tinham sua origem em outro mundo, num outro plano – e isso desde Platão e também com o cristianismo, sobretudo. Isso é supor que os valores sejam eternos, essenciais e imutáveis. Nietzsche, ao contrário, vai dizer que, por serem demasiadamente humanos, tais valores foram criados e novos valores podem vir a ser criados. Os novos valores propostos por Nietzsche, desta feita, não mais remetem a outro mundo, mas estão em consonância com a Terra, com a vida e com o corpo. No caso, a discussão está relacionada ao fato de que, se os valores efetivamente são criados, nós somos os criadores. Então, de alguma maneira, nós somos co-responsáveis, ou seja, estamos inteiramente implicados naquilo que estamos criando. Desta forma, não podemos nos colocar como meros espectadores, pois nós construímos nossa sociedade. Também não podemos nos colocar como vítimas. (Scarlett Marton, Filosofia, Ed. N° 17, p. 14).

Ainda segundo Saldanha, pode-se afirmar, de uma forma orteguiana¹ “que toda ética possui um traço *utópico*. Um sistema ético pretende sempre corrigir ou melhorar o comportamento dos seres humanos” (2007, p.17). E pretende também reformar intenções e pensamentos.

O século vinte, que começou com sinais de industrialização, presenciou um grau de desenvolvimento tal, que a grande maioria de todos os artefatos inventados pelo ser humano, aconteceu neste século.

Em parágrafo anterior, tomamos como exemplo o pensamento de Morin, que fala sobre as fontes cósmicas de dispersão e religação. A palavra religião vem de religar, ligar o céu e a terra e os princípios morais, às vezes, se confundem com princípios religiosos. É difícil fazer uma separação. Entendemos que, sem ética, sem referência a princípios humanitários fundamentais, comuns a todos os povos, nações, religiões etc., a humanidade já teria se despedaçado até a autodestruição.

A ética passa pelo respeito ao outro, pelo respeito ao direito do outro. Assim foi que, Immanuel Lévinas (1993), filósofo judeu contemporâneo que, tendo passado pelos horrores da guerra, elaborou a Ética da Alteridade. Neste seu modo de pensar, oposto à ordem vigente de egoísmo e egocentrismo, às vezes fica difícil compreender que existe outro lado.

Os excluídos da globalização e da sociedade, na cidade de Ilhéus (BA), sob a ótica da ética da alteridade de Immanuel Lévinas

Nossa pesquisa foi realizada na cidade de São Jorge dos Ilhéus (BA), local onde residimos há mais de três décadas, e onde nos especializamos no estudo da história local. Desta forma podemos afirmar que,

São Jorge dos Ilhéus, cidade localizada no sul da Bahia, conhecida em boa parte do mundo, tem seu nome associado à cultura do cacau. Durante quase todo o Século XX, esta cultura propiciou grande geração de renda, transformando a região, capitaneada pela cidade de Ilhéus, num polo de cultura própria, relatada para o Brasil e para o mundo por uma literatura pujante e em especial por um escritor, romancista, que nasceu junto aos cacauais de Ferradas, distrito de Itabuna, chamado Jorge Amado (HEINE, 2004, p. 1).

¹ Relativo ao filósofo espanhol do Séc. XX, Ortega y Gasset.

A vila de São Jorge dos Ilhéus foi uma das primeiras vilas a ser fundada nas terras do Novo Mundo, como vila-capital da capitania dos Ilhéus, que se desenvolveu rapidamente; chegou a possuir alguns engenhos de açúcar, entretanto, seu desenvolvimento só veio a acontecer com o crescimento da cultura cacauífera, a partir da segunda metade do século XIX.

As pessoas buscavam esta região, pois o governo doava terras devolutas para serem ocupadas, por quem quisesse delas se utilizar. Elas vinham de navio, montadas no lombo dos mares, vinham a pé. O importante era fugir da seca que assolava o nordeste e buscar terras férteis para o plantio do cacau, trazido da Amazônia como planta exótica, no século XVIII.

De acordo com a professora Angelina Garcez (1977), a evolução populacional desta região só tem comparação com as localidades onde haviam sido descobertas jazidas com atividade de mineração. O cacau, "*Theobroma Cacao*" (Linneu), transformara a região dominada pela exuberante Mata Atlântica em Eldorado para os que aqui chegavam.

Durante todo o século vinte, mesmo em meio a muitas crises, a situação era confortável, naquela que Jorge Amado denominou de Terras do Sem Fim, pois o cacau gerava muito dinheiro.

Após a crise que assolou a região, na década de 1990, após a quebra financeira das fazendas de cacau, um enorme contingente da população migrou para a periferia das cidades maiores. A cidade de Ilhéus recebeu, na década de noventa do século passado, mais de cem mil habitantes. Novos bairros surgiram; os que expressam melhor esta realidade migratória são, o Teotônio Vilela, na zona oeste, e o bairro Nossa Senhora da Vitória, formado no início dos anos 90, próximo às praias do sul, local onde se desenvolve forte atividade turística.

Neste último bairro, o índice de pobreza é muito grande. A ocupação é desordenada, com altos níveis de desemprego, sem saneamento básico e com invasão em áreas preservadas de manguezais. Se Lévinas coloca a casa, enquanto lugar de recolhimento e hospitalidade, como o espaço que torna possível o encontro ético, de que forma falar em ética, se as circunstâncias não o permitem? E, quando o rosto do Outro se apresenta em epifania, e me interpela para não matá-lo e acolhê-lo em sua pobreza e nudez. É verdade que, nem sempre se mata o outro, somente quando se tira sua vida.

Do bairro Nossa Senhora da Vitória de Ilhéus, onde vivem cerca de vinte mil pessoas (segundo dados do IBGE), pode-se dizer que os pressupostos éticos de Lévinas são desrespeitados pelos governos municipal, estadual e federal, e, por que não dizer, também pela sociedade local, posto que, lhes falta tudo, da saúde à educação, ao saneamento básico;

resumido em uma palavra: falta dignidade. A dignidade do Outro que é Outrem, segundo Lévinas.

Ao longo de sessenta anos de vida, de muitas leituras de história e filosofia, e de muita reflexão, temos compreendido que não somos ilhas isoladas, mas passageiros de um mesmo navio. Que somos responsáveis pelo Outro, esta responsabilidade que Lévinas chamou à nossa atenção, dizendo que mesmo antes de assumir essa responsabilidade, eu já tinha sido eleito para ser seu único responsável.

Do bairro Nossa Senhora da Vitória, de Ilhéus, pode-se dizer o mesmo que podemos ver, na mídia, das periferias de todas as partes, o desrespeito pelas crianças, pelos velhos, pelos excluídos.

Podemos dizer, também, que o bairro estudado mostra-se como próprio para os questionamentos da Ética de Lévinas. De acordo com os textos lidos, o pensamento de Lévinas está centrado no rosto e se apresenta como um pensamento do Infinito. Este rosto que se nos apresenta como o Outro. E diz mais: “No rosto surge a exterioridade e, nela, se revela a alteridade absoluta do Outro”. E ainda: “A alteridade, que vem do absolutamente Outro, é transcendência, é desejo insaciável pelo Outro”. Ele chama esse desejo de “metafísico”, porque vai para além do ser.

De acordo com Dussel, que baseou sua filosofia no pensamento de Lévinas, e fala em Ética da Libertação, nós, que vivemos no mundo da globalização, vemos o número de excluídos aumentar assustadoramente. Dussel chama a atenção para o fato de que apenas 15% da população vive nos países do ‘Primeiro Mundo’ (Europa Ocidental, Japão e América do Norte). Desta forma, os 85% restantes, vivem na periferia do Primeiro Mundo. Ele diz que o sistema econômico vigente no Ocidente é injusto e que os excluídos, os que vivem na miséria, não têm voz dentro do sistema estabelecido, não são reconhecidos em sua alteridade, como Outros. A vítima dominada ou excluída pelo sistema é um ente humano concreto e vivo, que grita de dor e pede socorro. “Ele aparece como interpelação, pois é o ente que não pode viver”. A não resposta a este apelo significa a morte da vítima.

A responsabilidade ética proposta por Lévinas tira o foco do Eu para o Outro; e permite a cada um de nós, superar o rumor anônimo e sem significação, desenvolvendo uma reflexão sobre a tentativa de sair da condição do haver impessoal, avançando na própria constituição da condição humana – não mais um ser para a morte, mas um ser para o Outro (MANCINI, p. 8).

Podemos concluir que, se 85% da população mundial, vive na periferia do “Primeiro Mundo”, os habitantes do bairro Nossa Senhora da Vitória, de Ilhéus, vivem na periferia da periferia. Como também os pobres de todas as periferias.

As estratégias que deveriam ser montadas para implantar a ética levinasiana, passam, necessariamente, pela coletividade, pelo social, pela renúncia ao egoísmo e à acumulação de bens proposta pelo capitalismo. A ética levinasiana, “ao contrário do que muitas pessoas pensam, ela mantém nossos pés no chão e nossos olhos no mundo” (Haddock-Lobo, 2006, p.15).

Existe saída, sim, quando as vítimas entenderem a força que têm, e decidirem mudar. A mudança, entretanto, deve ser interna, pois não acontecerá, nem por decreto, nem por imposição. Pela educação podemos mostrar as pistas, mas, a porta do coração que irá olhar para o outro, e desejar um mundo melhor, é uma porta que só se abre por dentro.

Considerações finais

A construção deste artigo deve-se ao fato de termos certeza de nossa responsabilidade, como educadora, nas questões éticas e ambientais.

Diante da responsabilidade que vemos em tal incumbência, a mesma tem se tornado uma fonte permanente de estudo, de busca por novos trabalhos publicados, para que possamos construir, da melhor forma possível, juntamente com nossos alunos um conhecimento reflexivo. Ir além do conteúdo exigido, e, principalmente, procurar descobrir a necessidade de nos transformarmos, cada vez mais, em cidadãos éticos.

A ética e a moral estão presentes nas relações entre os homens, desde que a racionalidade aflorou e passou a comandar as ações humanas. É ela que regula a convivência de maneira harmônica e evita o caos. É ela que possibilita a transformação do indivíduo em pessoa.

Mas, se o homem avançou bastante na tecnologia, e no domínio do conhecimento, nas questões éticas, há muita contradição. Existem, desde pessoas com comportamento extremamente ético, àquelas que não têm a menor idéia do que seja isso, de uma forma universal. E, como falar de ética, quando cerca de um terço da humanidade vive abaixo da linha de pobreza?

No início do século XXI, quando o planeta passa por transformações tão rigorosas, que podem levá-lo à destruição total, muito se tem falado sobre ética. Na política, nas relações, na defesa dos direitos humanos. Enquanto pessoas de vanguarda lutam para a

construção de um mundo mais ético, outras tantas insistem em manter o desrespeito, em ignorá-la. A implantação de uma política eficaz em Educação Ambiental, deve passar, necessariamente pela ética.

Nos nossos dias, fala-se, além da ética entre os seres humanos, em uma ética para os animais e para o planeta. Pelo visto, o ser humano é o único ser capaz de se divertir com a humilhação que impõe ao seu semelhante, de construir armas capazes de eliminar a vida sem destruir os prédios, de matar e dominar os animais, pelo simples prazer de se sentir superior.

Buscar a convivência ética é uma obrigação do ser humano, que se sabe superior. Não porque seja capaz de dominar os animais e a natureza, mas porque é capaz de entender a racionalidade, a relação com os outros seres e com a natureza, porque é um ser capaz de amar incondicionalmente. A fé na ética é a fé no amor.

Referências

- ARENDDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. São Paulo: Saraiva, 1992.
- _____. **Lei nº 9.795/99**, disponível em <<<http://www.planalto.gov.br/ccivil/>>>. Acesso em 5 abr 2010.
- _____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação de temas transversais**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- Curso de Extensão – Ética**. Textos sobre Lévinas e Dussel. Brasília: Universidade Católica de Brasília Virtual, 2007.
- DUSSEL, Enrique. **Ética da Libertação na idade da globalização e da exclusão**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- FOELKER, R. **Virtude: a excelência em prol da felicidade**. Discutindo Filosofia. São Paulo: Escala Educacional, Ano 2, nº 11.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GARCEZ, Angelina Nobre Rolim. **Mecanismos de Formação da Propriedade Cacaueira no Eixo Itabuna/Ilhéus -1890/1930**. Dissertação de Mestrado. UFBA, 1977.
- HADDOCK-LOBO, Rafael. **Da existência ao infinito: ensaios sobre Emmanuel Lévinas**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2006.
- HEINE, Maria Luiza. **Patrimônio Cultural de Ilhéus: um caminho para promover o turismo sustentável do município**. Dissertação de Mestrado. UESC-PRODEMA, 2004.
- LÉVINAS, Emmanuel. **Humanismo do outro homem**. Petrópolis: Vozes, 1993.
- LOUREIRO, Carlos F. B. **Educação Ambiental e Movimentos Sociais na construção da cidadania ecológica e planetária** in LOUREIRO et all, Educação Ambiental: repensando o espaço da cidadania. São Paulo: Cortez, 2008.

MANCIE, Euclides A. **Emanuel Lévinas e a Alteridade**. Instituto Vicentino de Filosofia. Disponível em <http://www.milenio.com.br/> Acesso em 06 out. 2007.

MARTON, Scarlett. Revista Filosofia. Escala Educacional, N° 17, p. 14

MORIN, Edgar. **O Método 6: ética**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

PADOVANI, U; CASTAGNOLA, L. **História da Filosofia**. São Paulo: Melhoramentos, 1974.

SÁ, Antonio Lopes de. **Ética Profissional**. São Paulo: Atlas, 2007.

SALDANHA, Nelson. **Ética e história**. Rio de Janeiro: Renovar, 2007.

VÁSQUEZ, Adolfo Sánchez. **Ética**. 30 Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

ⁱ Mestra em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente, Especialista em História Regional, Licenciada em Filosofia (UESC). Professora de Filosofia e Ética da Faculdade de Ilhéus. Curso de Administração. Coordenadora da Revista da Faculdade de Ilhéus.